

Virginia Woolf e Victoria Ocampo: Sob uma Perspectiva Brasileira

Virginia Woolf and Victoria Ocampo: A Brazilian Perspective

Maria Aparecida de Oliveira¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar o impacto de Virginia Woolf na produção literária de Victoria Ocampo. Ocampo disseminou a escrita de Virginia Woolf nos países de língua espanhola, por meio de suas traduções, palestras e publicações. Tal relação trouxe benefício para ambas, o progresso de Ocampo como escritora teve um dramático impacto depois do encontro com Woolf. Ocampo foi severamente criticada por suas relações europeias. Perón, o então presidente da Argentina, pensava que Ocampo estaria difundindo uma visão imperialista; outros, ao contrário, a consideravam uma nacionalista, pois seu trabalho foi de extrema importância para construir a cultura argentina. O feminismo de Ocampo estava ligado à sua posição cosmopolita, sempre viajando e trabalhando para construir uma ponte cultural, artística e literária, a qual romperia com o isolamento da Argentina e ajudaria a difundir a produção artística e literária dos escritores latino-americanos.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Victoria Ocampo; feminismo; influência literária.

Abstract: This paper aims at investigating how Woolf impacted Victoria Ocampo's literary production as it appears in Ocampo's *Testimonies*. Ocampo disseminated Virginia Woolf's writings in the Spanish-speaking world through translations, public lectures and publications. This relationship was of mutual benefit in a remarkable manner to both of them, Ocampo's progress as a writer was dramatically impacted by Woolf. Ocampo was severely criticised because of her European relations. Peron, the president of Argentina, thought she was spreading an imperialist vision; others, on the contrary, thought that she was a nationalist because her work was of great assistance in building an Argentinian culture. Ocampo's feminism was linked to her cosmopolitan position, always travelling and working to build a cultural, artistic and literary bridge, which would break Argentina's isolation and would help to spread the artistic and literary production of the Latin-American writers.

Keywords: Virginia Woolf; Victoria Ocampo; feminism; literary influence.

Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar o impacto de Virginia Woolf na produção literária de Victoria Ocampo. Ocampo disseminou a escrita de Virginia Woolf nos países de língua espanhola, por meio de suas traduções, palestras e publicações. O artigo está basicamente organizado em quatro partes. Inicialmente, abordarei o encontro entre Virginia Woolf e Victoria Ocampo, dando detalhes sobre as impressões de cada uma delas. Em seguida, discutirei um pouco sobre a tradução de *A Room of One's Own* e a posição de Woolf em relação a ela. Após esse momento, será examinada a importância da fotografia de Gisele Freund e as circunstâncias que a

¹ Doutora em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: mariaaoliv@yahoo.com.

envolvia. Finalmente, me concentrarei nos escritos de Ocampo sobre Woolf. Começando com “Carta a Virginia Woolf”, texto escrito em 1934, assim que Ocampo encontrou Woolf. Depois, eu passarei a discutir *Virginia Woolf en su diario* e, por último, eu gostaria de abordar o discurso de Ocampo na Academia de Letras, no qual ela menciona Virginia Woolf e sua importância em motivá-la a escrever. Como embasamento teórico, este texto será indicado pelas ideias de Gayle Rogers em *Modernism and New Spain: Britain, cosmopolitan Europe, and literary history*. Sobre a vida de Victoria Ocampo o texto segue as orientações de Doris Meyer em *Victoria Ocampo: Against the wind and the tide*. Sobre a relação entre Woolf e Ocampo, seguiremos os passos de Laura Maria Lojo Rodríguez no texto “A gaping mouth, but no words: Virginia Woolf enters the land of butterflies”.

Woolf e Ocampo – O encontro

Victoria Ocampo (1890-1979) nasceu no seio de uma família argentina rica e aristocrática, cuja posição ofereceu-lhe muitos privilégios, mas também ditou como deveria comportar-se em uma sociedade extremamente patriarcal². Desde o início, Ocampo teve que lutar contra muitos obstáculos para sobreviver em um ambiente literário e acadêmico altamente patriarcal para que pudesse realizar seus objetivos artísticos.

Ocampo foi a fundadora e editora de uma das mais importantes revistas literárias da sua época, *Sur*, ao redor da qual vivia uma elite literária argentina, marcada pela presença de Bioy Casares e Jorge Luis Borges; assim como escritores americanos e europeus, com quem Ocampo mantinha contato. O objetivo da *Sur* era desenvolver uma ponte entre a cultura europeia e a Latina Americana. Por um lado, Ocampo sabia como a Argentina estava isolada; por outro lado, ela estava consciente da falta de interesse de outros países na cultura latino-americana. Assim, contra todas as marés, como Doris Meyer (1990) caracterizou a jornada da escritora, Ocampo lutou mais de 40 anos para manter seu empreendimento, traduzindo e disseminando cultura

² De acordo com o Dicionário Feminista, <https://feminismonapratica.wordpress.com/2016/01/24/diccionario-feminista/>, o conceito de sociedade patriarcal define-se pelo controle masculino sobre a mulher, sendo mantido e assegurado pelo machismo, misoginia e seus derivados.

e trazendo escritores da Europa e dos Estados Unidos. Ela conhecia pessoalmente escritores como Valéry, Cocteau, Wells, Shaw e Lacan. Muitas escritoras contribuíram para moldar seu pensamento feminista, tais como Maria de Maeztu, Gabriela Mistral e, especialmente, Virginia Woolf. Silvia Beach foi a responsável por apresentar Ocampo a Woolf, dando-lhe uma cópia do ensaio *A Room of One's Own*.

O primeiro encontro entre Ocampo e Woolf ocorreu em 26 de novembro de 1934, quando Ocampo foi apresentada a Woolf por Adous Huxley em Londres na exposição fotográfica de Man Ray. Por um lado, Ocampo estava absolutamente fascinada pela escritora inglesa. Virginia Woolf, por outro lado, apreende Ocampo como uma personagem exótica. A percepção da escritora inglesa da América do Sul era semelhante àquela apresentada no romance *A Viagem*, de Virginia Woolf. Nas correspondências entre as duas escritoras encontramos:

Dear Madame Okampo [sic]

You are too generous. And I must compare you to a butterfly if you send me these gorgeous purple butterflies [orchids]. I opened the box and thought "this is what a garden in South America looks like!" I am sitting in their shade at the moment, and must thank you a thousand times.³
(WOOLF, 1979, p. 349)

Se, por um lado, Woolf criou uma visão exótica de Ocampo, introduzindo uma clara distinção entre as duas. Ocampo, por outro lado, alimentou o imaginário de Woolf sobre a América do Sul, enviando-lhe uma caixa com grandes borboletas de diferentes países, inclusive do Brasil.

A tradução de *A Room of One's Own*

Quando Victoria Ocampo escreveu a Woolf expressando seu interesse em traduzir *A Room of One's Own* para o espanhol, publicando-o pela editora *Sur*, Woolf reagiu com um pouco de ceticismo. Por que os leitores sul-americanos estariam interessados em seus romances? O que os seus romances e esses leitores teriam em

³ Querida senhora Okampo [sic]

Você é muito generosa. E eu devo compará-la a uma borboleta, já que você me enviou estas maravilhosas borboletas violetas [orquídeas]. Eu abri a caixa e pensei "isso é como deve ser um jardim na América do Sul!" Estou sentada à sombra delas nesse momento, e devo agradecê-la mil vezes. (WOOLF, 1979, p. 349, tradução nossa)

comum? Woolf estaria agindo com insegurança em relação à recepção de seus trabalhos em outros países? Ou ela estava se comportando de maneira esnobe em julgar o “Outro”, como ela já havia feito em seu romance *A Viagem*? Woolf estava bem consciente da sua posição como escritora eurocêntrica, como se pode observar em *Moments of Being*:

Prime Ministers never consult me. Twice I have been to Hendon, but each time the aeroplane refused to mount into the air. I have visited most of the capitals of Europe, it is true; I can speak a kind of a dog French and mongrel Italian; but so ignorant am I, so badly educated, that if you ask me the simplest question – for instance – where is Guatemala? – I am forced to turn the conversation.⁴ (WOOLF, 1985, p. 204)

O fato é que a realidade de Ocampo era completamente desconhecida a Woolf, a língua espanhola para ela era como “a gaping mouth, but no words”. Era um mundo que Woolf podia apenas imaginar. Para Ocampo, traduzir *A Room of One’s Own* em 1935 era um importante passo. A leitura de *A Room of One’s Own* foi fundamental naquele momento facilitada ao público pelo olhar de uma mulher, a primeira leitora feminista de Woolf na América Latina. Sobre as edições publicadas em espanhol por Victoria Ocampo em Buenos Aires, Woolf diria:

[...] and I shall be proud to see A Room look like that. I think the Room is the best to begin on: then perhaps, if you want another, *Orlando* or *To The Lighthouse*. I heard from your Agent this morning; and oddly enough by the same post got a copy of *Mrs Dalloway* in a Spanish translation. (Catalan I think) so don’t do that.⁵ (WOOLF, 1979, p. 358)

Em relação à tradução, Ocampo a confiou ao brilhante escritor Jorge Luis Borges, ao invés de realizá-la ela mesma. Ao ser questionado sobre tradução, Borges, que tinha sua própria teoria sobre o ato de traduzir, como podemos ver em seu conto

⁴ Primeiro Ministros nunca me consultaram. Duas vezes fui a Hendon, mas cada vez o avião se recusou a alçar voo. Eu visitei a maioria das capitais da Europa, é verdade; posso falar um tipo de francês e italiano bem vira-lata; mas, quão ignorante sou eu, tão pessimamente educada, que se você me perguntar a simples questão – por exemplo – onde é a Guatemala? – sou forçada a mudar a conversa. (WOOLF, 1985, p. 204, tradução nossa)

⁵ (...) e devo estar orgulhosa de ver *Um teto* assim. Eu acho que *Um teto* é o melhor para começar: então, talvez, se você quiser outro, *Orlando* ou *Ao farol*. Eu ouvi de seu Agente esta manhã; e coincidentemente pelo mesmo correio chegou uma cópia de *Mrs. Dalloway* em uma tradução em espanhol (Catalão, eu acho), sendo assim, não o faça. (WOOLF, 1979, p. 358, tradução nossa)

“Pierre Menard, Autor de Quixote”, no qual ele questiona se o tradutor é também um criador ou um recriador do texto “original”. Como era típico de Borges, ele iria ficcionalizar sobre a tradução de *A Room of One’s Own*, afirmando que na verdade a sua mãe seria a tradutora. “Sua mãe” apenas começou a traduzir após a morte do marido em 1938, ou seja, muito depois da primeira tradução de *A Room of One’s Own* ao espanhol. Borges declara que ele mesmo já era um feminista e não precisaria ser convertido ao feminismo. Assim, percebe-se que Borges entende *A Room of One’s Own* como um diálogo entre mulheres e, ainda, o entende como um manifesto para converter os homens ao feminismo. Talvez, ele acreditasse que sua mãe necessitava ser convertida, mas não ele próprio, já que se considerava um homem emancipado. Em “Professions for women” (1993) e, também, em *Three Guineas*, Woolf dirige-se ao leitor masculino, falando da necessidade da emancipação masculina dos estereótipos dos discursos patriarcais, mas *A Room of One’s Own* é fundamentalmente dirigido ao público feminino.

A Fotografia

Em 1939, Victoria Ocampo pediu a Gisèle Freund, famosa fotógrafa de escritores, para fotografar Virginia Woolf, que não gostou nem um pouco da ideia. Em 26 de junho de 1939, Woolf escreveu uma mensagem bastante contundente sobre a postura inconveniente de Ocampo, aparentemente, as duas haviam cortado relações nesse momento:

Dear Victoria,
 Its quite true – I was annoyed. Over and over again I’ve refused to be photographed. Twice I had made excuses so as not to sit to Madame Freund. And then you bring her without telling me, and that convinced me that you knew that I didn’t want to sit, and were forcing my hand. As indeed you did. It is difficult to be rude to people in one’s own home. So I was photographed against my will about 40 times over, which annoyed me.⁶ (WOOLF, 1980, p. 342)

⁶ Querida Victoria,

É muito certo – eu fiquei irritada. Por diversas vezes, eu recusei ser fotografada. Por duas vezes tive que inventar desculpas para não posar para a Sra. Freund. E então você a traz aqui sem me consultar, o que me convenceu que você sabia que eu não queria posar e estava me forçando. Como de fato você o fez.

Gisèle Freund foi completamente surpreendida ao ler a reação de Woolf em seu diário e em suas cartas. Mas, a fotógrafa afirma que a realidade foi absolutamente diferente:

After seeing the projection of my color portraits of writers on June, 23, 1939, Virginia invited me to come back next day and photograph her. In those days, color film was still so weak that you could not take indoor shots, and I had to count on the cooperation of my subjects. In looking at the photos of Virginia that I publish here, you will also notice that she is wearing different dresses. Indeed, she had suggested changing dresses because “one or the other will be more photogenic for the color film.” Do you seriously believe that a person who goes to such lengths for the success of her pictures feels herself “violated”?⁷ (FREUND, 1985, p. 96)

Ao final, Woolf ofereceu a Freund o álbum de fotografias tiradas por Mrs. Cameron, tia de Virginia Woolf, a única fotógrafa na família. Infelizmente, a escritora inglesa não chegou a ver as magníficas fotografias devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Ela morreu dois anos depois e essa foi a última vez que encontrou Victoria Ocampo. Ocampo somente viu as fotografias quando Freund veio para a Argentina, fugindo da perseguição nazista e se refugiou na casa de Ocampo, ficando ali por um momento antes de ir ao México, onde fotografou Frida Khalo, Diego Rivera e outras personalidades.

A Escrita de Ocampo

É difícil ser rude com as pessoas na sua própria casa. Então eu fui fotografada contra meu desejo por mais ou menos 40 vezes, o que me irritou. (WOOLF, 1980, p. 342, tradução nossa)

⁷ Depois de ver a projeção de meus retratos coloridos de escritores em 23 de junho de 1939, Virginia convidou-me para voltar no dia seguinte para fotografá-la. Naqueles dias, filme colorido era ainda tão fraco, que não se poderia fotografar em locais fechados e eu tinha que contar com a cooperação de meus indivíduos. Ao olhar as fotografias de Virginia publicadas aqui, você irá notar que ela está vestindo diferentes vestidos. De fato, ela havia sugerido mudar de vestidos, pois “um ou outro seria mais fotogênico para o filme colorido.” Você acredita seriamente que uma pessoa que foi a tal extensão para o sucesso de suas fotos, realmente se sentiu “violada”? (FREUND, 1985, p. 96, tradução nossa)

Em relação à escrita de Ocampo sobre Woolf, gostaria de refletir sobre “Carta a Virginia Woolf”⁸ e, também, sobre *Virginia Woolf en su diario* e, finalmente, sobre o discurso de Ocampo na Academia de Letras. Desde o início, Woolf motivou Ocampo a escrever, a escrever sobre si mesma e, principalmente, a escrever como mulher:

I’m so glad you write criticisms not fiction. And I’m sure it is good criticism – clear and sharp, cut with a knife, [...] I hope you will go on to Dante, and then to Victoria Okampo. Very few women yet have written truthful autobiographies. It is my favourite form of reading.⁹ (WOOLF, 1979, p. 356)

E Ocampo expressa uma visão semelhante sobre a sua própria escrita:

Usted da gran importancia a que las mujeres se expresen, y a que se expresen por escrito. Las anima a que escriban “all kinds of books, hesitating at no subject however trivial or however vast”. Según dice usted, les da este consejo por egoísmo: “Like most uneducated English women, I like writing – I like reading books in the bulk”, declara usted. [...]

Ante todo, por mi parte, desearía confesar públicamente, Virginia, que *Like most uneducated Southamerican women, I like writing...* Y, esta vez, el uneducated debe pronunciarse sin ironía.

Mi única ambición es llegar a escribir un día, más o menos bien, más o menos mal, pero como una mujer. Si a imagen de Aladino poseyese una lámpara maravillosa, y por su mediación me fuera dado el escribir en el estilo de Shakespeare, Dante, Goethe, Cervantes, o Dostoievski, tiraría la lámpara, se me ocurre. Pues entiendo que una mujer no puede aliviarse de sus sentimientos y pensamientos en un estilo masculino, del mismo modo que no puede hablar con voz de hombre.¹⁰ (OCAMPO, 1954, p. 103)

⁸ O texto “Carta a Virginia Woolf” encontra-se como um anexo no livro *Virginia Woolf en su diario*, publicado em 1954. O discurso de Ocampo na Academia de Letras encontra-se como um texto anexo no livro *Against the Wind and the Tide. Victoria Ocampo*, de Doris Meyer, publicado em 1990.

⁹ Fico contente que você escreva crítica e não ficção. E estou certa que seja boa crítica – clara e afiada, cortante como uma faca, (...) Espero que você vá de Dante à Victoria Okampo. Pouquíssimas mulheres têm escrito verdadeiras biografias. É a minha forma predileta de leitura. (quero dizer, sou incapaz de Shakespeare, e um sempre é) (WOOLF, 1979, p. 356, tradução nossa)

¹⁰ Você dá grande importância a que as mulheres se expressem, e que se expressem por escrito. Você as estimula a escreverem “todos os tipos de livros, sem hesitar em todos os assuntos, não importa o quão trivial ou quão vasto”. Segundo você, lhes dá esse conselho por egoísmo: “Como muitas mulheres inglesas não-educadas, gosto de escrever – gosto de ler livros em massa, declara você (...) Antes de tudo, por minha parte, desejaria confessar publicamente, Virginia, que *como a maioria das mulheres sul-americanas, eu gosto de escrever...* E, desta vez, o “mal-educadas” deve ser pronunciado sem ironia. Minha única ambição é chegar a escrever um dia, mais ou menos bem, mais ou menos mal, mas como uma mulher. Se eu possuísse uma lâmpada mágica de Aladin, e por sua mediação me fosse dado o

Podemos notar que essa correspondência entre elas discute sobre mulher e ficção, trazendo ressonâncias do texto de Virginia Woolf, “Women and Fiction”, mas, também, traz alguns aspectos de *A Room of One’s Own*. Esse diálogo representa uma sala ocupada por duas mulheres discutindo e legitimando seus discursos em uma tradição literária patriarcal. Ocampo define sua “pobreza” em termos de uma tradição literária feminina ausente, mas também, significa criatividade e muitas possibilidades. Ocampo sentia que Woolf poderia nutrir essa carência, como Woolf o fez, incentivando-a constantemente a escrever. E Ocampo segue a sugestão de Woolf e escreve crítica literária como um “common reader” e, também, escreve sua biografia em forma de *Testemonios*, pois foi uma mulher testemunha das injustiças de seu tempo. Assim, em seus *Testemonios* temos um depoimento político, social e histórico. Hoje, poderíamos compreender os textos de Ocampo como um tipo de crítica literária feminista, extremamente útil para a análise das escritoras de seu tempo.

“Carta à Virginia Woolf”

Um mês depois do encontro com Virginia Woolf em 1934, Ocampo publicou “Carta a Virginia Woolf”, em espanhol, na qual ela descreve o impacto do encontro das duas:

[...] estas dos mujeres se miran (las dos miradas son diferentes). “Aquí un libro de imágenes exóticas que hojear”, piensa una. La otra “En qué página desta mágica historia encontraré la descripción del lugar en que está oculta la llave del tesoro?” Pero estas dos mujeres, nascidas en medios y climas distintos, anglosajona la una, la otra latina y de América, la una adosada a una formidable tradición y la otra adosada al vacío (“au risque de tomber pendant l’éternité”), es la más rica la que saldrá enriquecida por el encuentro. La más rica habrá inmediatamente recogido su cosecha de imágenes. La más pobre no habrá encontrado

dom de escrever ao estilo de Shakespeare, Dante, Goethe, Cervantes ou Dostoiévski, me ocorre que eu jogaria fora a lâmpada. Pois, entendo que uma mulher não pode aliviar seus sentimentos e pensamentos em um estilo masculino, do mesmo modo que não pode falar com uma voz de homem. (OCAMPO, 1954, p. 103, tradução nossa)

la llave del tesoro. Todo es pobreza en los pobres y riqueza en los ricos.¹¹ (OCAMPO, 1954, p. 101)

Duas mulheres em uma sala discutindo mulher e literatura, elas têm diferentes olhares, mas têm muitas coisas em comum. O texto de Ocampo enfatiza as diferenças e, também, a grande identificação que sentia em relação à Virginia Woolf. Ela refere-se à crítica que Woolf faz à ira de Charlotte Bronte, Ocampo posiciona-se dentro do texto, expressando sua ira com força, energia e paixão no ato da escrita. Enquanto Woolf mantém-se distante, neutra e no controle do seu tom, para não parecer irada ou irracional.

Quando Ocampo escreve sobre Woolf, ela está fazendo uma revisão, uma rearticulação e uma reinterpretação de *A Room of One's Own*. Como uma das primeiras leitoras feministas de Woolf, Ocampo é fundamental em mediar e facilitar o texto de Woolf ao público de língua espanhola, compartilhando seu presente com outras escritoras latino-americanas e, também, as convida a escrever sobre elas mesmas, a lutar pelos seus direitos e a ocupar a sala literária, até então ocupada apenas por homens. Assim, essa sala não seria ocupada apenas por duas mulheres que se olham, se identificam e reconhecem as próprias diferenças, mas seria ocupada por diversas mulheres, de diversas nacionalidades, vindo de diferentes partes do globo, com diferentes olhares e ideias para contribuir com esse diálogo sobre mulher e literatura, empoderando umas as outras e desafiando-as para ocuparem os lugares que elas definitivamente merecem ocupar.

Como estamos fazendo neste artigo, convidando às mulheres a expressarem sua criatividade, empoderando-as a pensar sobre suas mães literárias em todo mundo, conectando e inspirando umas às outras. Ao fazê-lo, estamos mostrando que escrever ainda é um ato político, um ato de autoconsciência e de autorrealização.

¹¹ [...] Estas duas mulheres se olham (os dois olhares são distintos). “Aquí un libro de imágenes exóticas que folhear”, pensa uma. A outra: “Em que página desta mágica história encontrarei a descrição do lugar em que está oculta a chave do tesouro?” Mas, essas duas mulheres nascidas em climas e meios distintos, uma anglo-saxã, a outra latina e da América, uma ligada a uma tradição formidável e a outra ao vazio (“ao risco de cair na eternidade”), a mais rica será aquela que sairá enriquecida pelo encontro. A mais rica terá imediatamente recolhido sua colheita de imagens. A mais pobre não haverá encontrado a chave do tesouro. Tudo é pobreza nos pobres e riqueza nos ricos. (OCAMPO, 1954, p. 101, tradução nossa)

Virginia Woolf em seu Diário

Ocampo inicia o texto “Virginia Woolf em seu Diário” criticando a censura masculina em relação à escrita das mulheres. Ela discute a edição de Leonard Woolf nos diários de Virginia Woolf e depois ela passa a discutir a influência de Leslie Stephen, pai de Woolf, na vida da escritora inglesa.

A leitura dos diários de Woolf leva Ocampo a pensar não apenas em Leslie Stephen, mas, também, como outros pais vitorianos tiranizaram a vida de suas filhas. Para Ocampo, ambos ensaios *A Room of One's Own* e *Three Guineas* são a história verdadeira da luta vitoriana, de um lado as vítimas (as filhas) do sistema patriarcal e de outro, os pais tiranos. Ocampo também relaciona a mesma luta contra a tirania no romance *To the Lighthouse*, conectando os ensaios políticos aos romances poéticos de Virginia Woolf. Ocampo compreende os ensaios de Woolf como pedras lançadas duramente e os romances como pássaros que pairam suaves. A escritora argentina ainda compara os momentos poéticos e as experiências de *Moments of Being* com o livro *Doors of Perception* de Huxley. Ocampo analisa a experiência de Woolf com o tempo e seu desejo em expressá-la:

El Tiempo... la Edad! Vuelve siempre al tema. A los cincuenta años se pregunta si le quedarán veinte para trabajar. El deseo de escribir la devora. Escribir antes de morir, escribir siempre. Y “este sentido devastador de la brevedad febril de la vida” la hace abrazarse como una naufraga al trabajo.¹² (OCAMPO, 1954, p. 82).

Por fim, a escritora questiona os espaços vazios, os momentos de silêncio no diário de Woolf, seja devido à censura de Leonard Woolf ou devido ao próprio desejo de Woolf em silenciar os momentos críticos de sua vida antes da morte em 1940; ela sentia o perigo próximo, a opressão e a hostilidade da guerra, o que poderia explicar os vazios do texto. Ocampo sentia que a última página do diário poderia ser substituída pela última página do romance *The Waves*, em que Woolf diz:

¹² O tempo... a idade! Volta sempre ao tema. Aos cinquenta anos se questiona se ainda restariam vinte para trabalhar. O desejo de escrever a devora. Escrever antes de morrer, escrever sempre. E “este sentido devastador da brevidade febril da vida” a faz agarrar-se como uma naufraga ao trabalho. (OCAMPO, 1954, p. 82, tradução nossa)

What enemy do we now perceive advancing against us, you whom I ride now, as we stand pawing this stretch of pavement? It is death. Death is the enemy. It is death against whom I ride with my spear couched and my hair flying back like a young man's, like Percival's, when he galloped in India. I strike spurs into my horse. Against you I will fling myself, unvanquished and unyielding, O Death!¹³ (WOOLF, 1992, 228)

Mulheres na Academia

Ocampo foi a primeira mulher a participar da Academia de Letras na Argentina em 1977, infelizmente, ela morreu dois anos depois em 1979. Depois de uma vida de lutas contra ventos e tempestades, depois de passar 37 dias na prisão em 1953, devido ao governo fascista de Perón, parece que Ocampo ganhou um prêmio de consolação e reconhecimento público. Durante seu discurso na Academia, a escritora argentina menciona três importantes mulheres que influenciaram sua escrita e que moldaram sua identidade enquanto mulher e escritora. A primeira delas foi Virginia Woolf, que a encorajou a escrever, a escrever sobre ela mesma e a escrever como mulher. A segunda foi Gabriela Mistral, a escritora chilena ganhadora do prêmio Nobel em 1945, que a encorajou a manter suas raízes e sua identidade latino-americana. Finalmente, a terceira foi Agueda, sua ancestral indígena Guarani, que ela descobriu depois do diálogo com Gabriela Mistral. Sobre a primeira, Virginia Woolf, ela declarou que:

In 1934, I dedicated the first volume of my *Testemonios* published by Revista de Occidente to Virginia Woolf. She had encouraged me to write even without knowing exactly to whom she was charging such a delicate task. She didn't read Spanish, but she wanted women to express themselves in any language in any country and about any subject, however trivial or vast it might seem.¹⁴ (MEYER apud OCAMPO, 1990, p. 282)

¹³ Que inimigo percebemos avançando contra nós, você, que agora cavalgo, enquanto ficamos tateando este trecho de asfalto? É a morte. A morte é o inimigo. E a morte contra quem eu cavalgo com minha lança fincada e meu cabelo esvoaçante como um jovem, como o de Percival, quando ele galopava na Índia. Eu cravo as esporas no meu cavalo. Contra você que eu me lanço, invencível e implacável, Oh morte! (WOOLF, 1992, p. 228, tradução nossa)

¹⁴ Em 1934, eu dediquei o primeiro volume do meus *Testemonios*, publicado pela Revista de Ocidente à Virginia Woolf. Ela me encorajou a escrever, mesmo sem saber exatamente a quem ela estava encarregando esta delicada tarefa. Ela não lia espanhol, mas ela gostaria que as mulheres se expressassem em qualquer língua em qualquer país e em qualquer assunto, independente do quão trivial ou do quão vasto poderia parecer. (MEYER apud OCAMPO, 1990, p. 282, tradução nossa)

Sobre Gabriela Mistral e sua ancestral indígena Guarani, ela afirmou que:

The Nobel Prize didn't change Gabriela Mistral, who was half Indian and was born in the Valley of Elqui. This is not a demagogic stance. I am as incapable of demagogy as I am of pedantry. But in my capacity as woman, it is both an act of justice and an honor to invite my Guarani ancestor to this reception at the Academy and to seat her between the English and the Chilean, not because she deserves as others do, to enter an Academy of Letters, but because I, for my part, recognize Agueda as inherent justice. ¹⁵(MEYER apud OCAMPO, 1990, p. 282)

Ocampo escreveu toda a sua vida sobre Woolf e isso a ajudou a entender melhor a relação entre as duas e quão importante ela foi para o seu processo de desenvolvimento enquanto escritora e intelectual. Ao aceitar a indicação da Academia de Letras, Ocampo estava abrindo as portas para que outras mulheres participassem desse espaço, tipicamente patriarcal. Nesse momento, o mundo estava mudando drasticamente, a Argentina estava sob a impiedosa ditadura de Jorge Rafael Videla (1976-1981), o período mais sangrento em toda história da Argentina, o qual durou até 1983. Esse era o momento dos desaparecidos, das mães da “Praça de Maio” clamando pelos seus filhos desaparecidos. Neste momento, Ocampo estava apenas visualizando o começo e a grande necessidade por democracia, na qual homens e mulheres se beneficiariam e sentariam juntos nas mesas literárias da Academia. Woolf já havia notado em 1910 que o mundo havia mudado e em seguida ela acompanharia os desenvolvimentos da Primeira Guerra Mundial: *Jacob's Room*, *Mrs. Dalloway* e *To the lighthouse* são frutos de sua reflexão sobre esse período. Em *Three Guineas* e em *Between the Acts* ela iria discutir os desdobramentos que iriam culminar na Segunda Guerra Mundial, momento crucial em que a democracia estava sendo abalada.

Considerações finais

¹⁵ O prêmio Nobel não mudou Gabriela Mistral, que era metade indígena e nascida no Vale do Elqui. Essa não é uma afirmação demagógica. Eu sou incapaz de demagogia, quanto de pedantismo. Mas, enquanto mulher, é tanto um ato de justiça, quanto de honra, convidar minha ancestral Guarani para essa recepção na Academia e a posicionar entre a Inglesa e a Chilena, não porque ela mereça, como outras merecem, entrar para a Academia de Letras, mas porque eu, da minha parte, reconheço Agueda, como um ato de justiça inerente. (MEYER apud OCAMPO, 1990, p. 282, tradução nossa)

Ocampo lutou desde o princípio para tornar a utopia da democracia uma realidade. Nesse sentido, alguns críticos, por um lado, consideravam seus atos políticos como um feminismo social, porque ela considerava as mudanças nos direitos femininos como o tecido que une a sociedade. Gayle Rogers (2012), por outro lado, considera seu feminismo como internacional, porque estava ligado a uma agenda europeia e norte-americana. Além disso, também estava ligado à sua posição cosmopolita, sempre viajando e trabalhando para construir uma ponte cultural, artística e literária, a qual romperia o isolamento da Argentina e ajudaria a difundir a produção artística e literária dos escritores latino-americanos. Doris Meyer (1990) afirma que as pontes que Ocampo construía – entre indivíduos, entre continentes, entre gêneros e entre culturas – irão sem dúvida durar muito, permanecerão sempre e com certeza terão um grande impacto em escritoras de todo mundo.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. “Pierre Menard, Autor de Quixote”. In: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAWS, Mary Ann & LUCKHURST, Nicola. *The Reception of Virginia Woolf in Europe*. London: Continuum, 2002.
- FREUND, Gisèle. *Gisèle Freund, photographer*. New York: Harry N. Abrams, 1985.
- MEYER, Doris. *Against the Wind and the Tide. Victoria Ocampo*. Austin: Texas University Press, 1990.
- OCAMPO, Victoria. *Virginia Woolf in her Diary*. Buenos Aires: Sur, 1954.
- ROGERS, Gayle. *Modernism and the New Spain: Britain, Cosmopolitan Europe and Literary History*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- VALIS, Noel & MAIER, Carol. *In the Feminine Mode: Essays on Hispanic Women Writers*. London: Associated University Press, 1990.
- WOOLF, Virginia. *A Room of One’s Own and Three Guineas*. London: Penguin, 1993.
- _____. *The Waves*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- _____. *Moments of being*. New York: Harcourt, 1985.
- _____. *The Letters of Virginia Woolf*. Vol. VI. New York: Harcourt, 1980.
- _____. *The Letters of Virginia Woolf*. Vol. V. New York: Harcourt, 1979.

Recebido em: 02/04/2018

Aceito em: 03/07/2018